HVMANITAS

[Recensão a] Pereira, Belmiro Fernandes; Deserto, Jorge - Symbolon II: inveja e emulação

Autor(es): Soares, Carmen Leal

Publicado por: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/23273>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_62_46

Accessed : 26-Apr-2023 14:25:02

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

humanitas

Vol. LXII
2010

Manuel Ramos, “Os membros da geração de Avis: amizades, inimizades e falta de exemplaridade” (pp. 91-113): com base nos discursos de Deão de Vergy, na *Crónica de D. Afonso V* e em alguns contributos da moderna historiografia medieval, o autor põe em evidência uma teia de inimizades que atesta a falta de unidade da família de Avis. Antes, porém, enumera as acções e fontes (literárias e artísticas), tanto portuguesas como castelhanas, responsáveis pela promoção de uma imagem de unidade e exemplaridade da chamada *íncrita geração*. A discussão dos argumentos abonatórios da tese da desarmonia grassante no seio da família real centra-se em quatro momentos da sua história. Três deles atestam o mau relacionamento entre D. Pedro e outros familiares (a cunhada D. Leonor, os Braganças e D. Afonso V) e o quarto, esse sim, é ilustrativo de amizade e exemplaridade (a ligação de D. Isabel, duquesa de Borgonha, à família de Portugal e, de um modo especial, aos sobrinhos, filhos de D. Pedro).

Mais do que um reparo, fica a sugestão de, em futuras edições de volumes da colecção *Symbolon*, se adoptar um critério uniforme para a citação dos títulos da bibliografia. Ou se opta por reduzir os nomes próprios às respectivas iniciais (como sucede, por exemplo, na entrada PEREIRA, V. S.) ou por escrevê-los nas formas completas (cf. PEREIRA, Belmiro Fernandes). A presença dos dois modelos não favorece uma publicação praticamente isenta de gralhas.

CARMEN LEAL SOARES

PEREIRA, Belmiro Fernandes, Deserto, Jorge (orgs.) *Symbolon II – Inveja e Emulação*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010, 144 pp. ISBN: 978-972-8932-59-6.

Este segundo volume da colecção *Symbolon* aborda a pertinência de novo par de paixões nas obras de mais seis autores clássicos e retoma a referência incontornável que são os Poemas Homéricos. A rubrica introdutória, *In limine* (pp. 5-7), continua a ser da responsabilidade de um dos organizadores do livro, Belmiro Pereira. Seguindo o método utilizado na recensão do número anterior, passo a apresentar uma síntese de cada um dos sete capítulos.

Maria Helena da Rocha Pereira, “Emulação e inveja nos Poemas Homéricos” (pp. 9-17): nos Poemas Homéricos encontra-se o uso de *eris*

tanto como substantivo próprio (sob a forma personificada de uma deusa, irmã de Ares) como comum (em numerosas cenas de combate colectivo e nas monomaquias), neste caso com o sentido de “rivalidade”. Na *Odisseia*, além desse entendimento, corresponde também a “emulação” no trabalho. Com este último sentido significa competir por desejo de superação e está na génese dos jogos desportivos (cf. os jogos fúnebres em honra de Pátroclo). O episódio das provas disputadas pelos chefes gregos é interpretado pela autora como manifestação quer da ambição de protagonismo do herói homérico quer da tendência para a deslealdade que daquela pode derivar. Ou seja, aí estão retratadas as duas concepções de *eris*, a boa (conducente à emulação) e a má (responsável pela inveja).

Marta Várzeas, “Inveja e emulação em Píndaro” (pp. 19-28): para a autora um dos aspectos mais interessantes da obra de Píndaro, no que à temática em apreço diz respeito, prende-se com o facto de o problema da inveja (contida nas noções de *koros*, “saciedade”, *momos*, “censura”, e *phthonos*, “inveja”) ser perspectivado pelo prisma da sua intervenção no domínio da arte poética, e não ficar restringido ao, também presente, âmbito das figuras e feitos do universo competitivo dos vencedores cantados. Da análise das odes pindáricas infere-se, a este respeito, o seguinte: a poesia deve procurar o equilíbrio entre os seus dois objectivos (inspirar a “emulação” (*zelos*) dos ouvintes pela excelência dos feitos cantados; cantar a excelência, mas de forma moderada, por forma a evitar o inevitável *phthonos* que a *aretê* atrai); o *phthonos theon* adquire uma interpretação nova, a de “olhar vigilante da divindade” (p. 27), o que, em termos de criação poética, dita que, em detrimento do fluxo descontrolado das palavras, se privilegie o *kairos* (“o apropriado”) e o *metron* (“a justa medida”).

Jorge Deserto, “Inveja e emulação em Aristófanes” (pp. 29-51): sob esta epígrafe, o autor procede ao que designa de “leitura externa” (p. 29) da obra de Aristófanes, o que significa que analisa não as obras, mas a produção literária e dramática do poeta. O seu estudo tem três rubricas distintas. Na primeira identifica os aspectos em comum e os distintivos dos géneros trágico e cómico, como são a partilha do espaço (teatro de Dioniso e Festivais de Teatro de Atenas), as formas diferentes de se relacionarem com o público (a comédia procura a proximidade inclusiva, a tragédia o distanciamento físico, mas a proximidade emocional), a questão da originalidade (enquanto a tragédia lida com um património narrativo conhecido e já explorado, o das narrativas mitológicas, que no essencial não modifica, a comédia cria intrigas originais) e os temas e linguagem (sérios e elevada, na tragédia;

do quotidiano e mais ligeira, na comédia). Na rubrica 2 (Aristófanes e a tragédia), atesta-se o interesse do comediógrafo pelo género trágico e, muito em especial, pela obra euripídiana (procedendo o autor à impressão que deixaram na produção aristofânica as peças *Télefo*, *Andrómeda* e *Helena*). Para o final (3. Comédia e comédia) ficam os testemunhos da rivalidade entre o comediógrafo e seus contemporâneos (bem visível em dois passos analisados pelo autor: parábase d' *Os Cavaleiros* e vv. 553-554 d' *As Nuvens*).

Belmiro Fernandes Pereira, “A inveja de Drances e a engrenagem narrativa da *Eneida*” (pp. 53-70): o tema da inveja de Drances é introduzido por uma breve reflexão sobre a expressão desse sentimento na obra virgiliana (do ponto de vista estatístico, está mais presente nas *Éclogas*; nas *Geórgicas* situa-se no mundo divino; na *Eneida*, *invidia* e *inuidere* significam rivalidade, emulação, inveja divina e ciúme provocado pelo amor; note-se que Pereira observa que Virgílio, tal como Platão – e como Píndaro, acrescento eu, à luz das conclusões de Várzeas (p. 26) –, recusa a concepção tradicional de *phthonos theon*, evidência da “visão depurada de divindade” que tem Virgílio (p. 56). Discute-se, de seguida, a influência da retórica na eloquência revelada na composição da *Eneida* e, em particular, no episódio do conselho de guerra dos Latinos. A intervenção de Drances é considerada pelo autor como chave para interpretar as cenas que se sucedem até ao epílogo do poema e não como mero exercício caracteriológico.

João Manuel Nunes Torráo e Joana Mestre Costa, “Inveja e emulação em Marcial: a vida e os seus costumes temperados com sal romano!” (pp. 71-101): os autores distinguem duas formas distintas de abordar o assunto nos epigramas do poeta, que denominam “inveja por Marcial” e “inveja de Marcial”. No primeiro caso, o da inveja sentida pelo próprio, verifica-se que esta diz respeito a condições de vida melhores do que a sua (os patronos, retratados como indivíduos desdenhosos, avaros, desumanos e mesquinhos; os oficiais de outros ofícios, que não as letras; os poetas seus contemporâneos não os invejaria por não ter motivos para tal, i. e., por não os achar à sua altura). Quanto à “inveja de Marcial”, refere-se àquela que outros sentem por ele (não só relativamente à sua arte, mas também a dons humildes e ridículos, como as suas mulas e um amor não correspondido, entre outros exemplos).

Virgínia Soares Pereira, “Inveja e emulação em Plínio-o-Moço” (pp. 103-124): na introdução ao seu estudo, a autora comenta os tratamentos que o tema teve em nomes grandes da literatura e filosofia antigas (Aristóteles, *Retórica*; Cícero, *Tusculanas*), para chegar à explicação plausível de que Plínio se tenha inclinado para a *aemulatio*, uma paixão positiva, “própria

de pessoas de bem”, e não para a *invidia* (sentimento a que não o impeliam o seu estatuto social elevado e vida afortunada). Sob a rubrica “Plínio e a *aemulatio* literária”, depara o leitor com um levantamento e comentário dos passos em que Plínio refere os seus modelos literários, tanto do passado (como Demóstenes e Cícero), como os contemporâneos (Tácito, seu amigo pessoal). Segue-se “Plínio e a *aemulatio* da vida”, capítulo dedicado ao paralelo, desejado por Plínio, entre as carreiras e vidas deste e do Arpinate.

Manuel Ramos, “Auto-elogio e inveja na obra moral de Plutarco” (pp. 125-136): repartido por quatro alíneas principais (sem contarmos com a conclusão), o estudo começa por fazer a contextualização dos tratados *De invidia et odio* e *De se ipsum citra invidiam laudando* (também conhecido por *De laude ipsius*) na produção geral do polígrafo. No ponto dois, o autor procede à identificação das principais obras literárias e filosóficas em que o assunto foi tratado (Aristóteles, *Ética a Nicómaco*, *Retórica*; Teofrasto, *Caracteres*; Cícero, *Tusculanas*, *De oratore*), tidas como potenciais fontes de Plutarco. Em “3. Organização retórica”, destaca algumas características retóricas dos dois tratados (*compositio*, *propositio*, *recapitulatio*, *confirmatio*, *conclusio*, *transitio*). A quarta parte encontra-se subdividida em alíneas, destinadas a resumir a teorização moral sobre os vícios em apreço, de que destacamos: enquanto o ódio é um sentimento comum a homens e animais, a inveja só os primeiros a devem sentir em relação a alguém que, sendo da mesma condição, se destaca de alguma maneira (pelo mérito, prosperidade, felicidade ou reputação); a *periautologia* só o homem de estado pode praticá-la de forma justificada, i. e., de maneira discreta e sem despertar inveja (fornecendo, para tal, Plutarco as indicações práticas necessárias: seis processos retóricos para o auto-encómio e indicação dos casos em que ele não se justifica).

Mantenho o reparo que fiz à Bibliografia a propósito de *Symbolon I*.

CARMEN LEAL SOARES

PEREIRA, Maria Helena da Rocha, Correia, Francisco Carvalho e Moreira, Álvaro de Brito, *Rudesindus. Pastor egrégio, monge piedoso, defensor do solo pátrio*, Câmara Municipal de Santo Tirso, Porto 2010, ISBN 978-972-8180-24-9.

Quis em boa hora a Câmara Municipal de Santo Tirso, na sequência das comemorações dos mil e cem anos do nascimento de S. Rosendo, contando